

Por uma Igreja em saída

A Church which goes forth

*Juliano Ribeiro Almeida*¹

RESUMO

O Papa Francisco enfrenta, desde o início de seu ministério pontifício, forte oposição dentro e fora da Igreja católica, devido a algumas de suas audaciosas posturas pastorais, que têm incomodado as forças conservadoras do catolicismo. Tais posturas são aqui sumarizadas no conceito de “Igreja em saída”, forjado por ele mesmo na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Trata-se de um verdadeiro programa de reforma do cristianismo, baseado num decisivo “sair de si” por parte dos membros da Igreja, em direção às “periferias existenciais”. A partir de uma análise sistemática do conceito bíblico e teológico de *saída*, fundamento da dinâmica da missionariedade eclesial, e sugerindo as noções de *alterreferencialidade* e *excentricidade* para melhor compreender em que consiste tal postura, o autor propõe tirar algumas consequências práticas do projeto do Papa Francisco, evitando transformar “Igreja em saída” num *slogan* vazio.

PALAVRAS-CHAVE

Autorreferencialidade. Excentricidade. Reforma. Papa Francisco.

ABSTRACT

Pope Francis faces, since the beginning of his pontifical ministry, strong opposition inside and outside the Catholic church, due to some audacious pastoral attitudes, which have bothered conservative forces

¹ Doutor em teologia sistemática pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2020), mestre em teologia sistemática pela *School of Theology and Ministry, Boston College* (2015). Presbítero católico da diocese de Cachoeiro de Itapemirim-ES.

in Catholicism. Such attitudes are summarized here in the concept of “Church which goes forth”, coined by himself in the apostolic exhortation *Evangelii Gaudium*. It is about a true program of reform of Christianity, based on a decisive “go out of yourself” by the members of the Church, forward the “existential peripheries”. From a systematic review of the biblical and theological concept of *go out*, which is the basis of the ecclesial mission, and by suggesting the notions of *alter-referentiality* and *eccentricity* in order to better understand in which this attitude consists, the author proposes drawing some practical consequences from Pope Francis’ project, by avoiding to turn “Church which goes forth” into an empty slogan.

KEYWORDS

Self-referentiality. Eccentricity. Reform. Pope Francis.

Introdução

O Papa Francisco não receia faltar com a modéstia ao propor que, com seu pontificado, a Igreja dê início a uma “nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo”². É que ele tem consciência das razões pelas quais foi eleito. No conclave de 2013, ao escolher o nome Francisco para seu ministério de bispo de Roma, Bergoglio já apontava que, como São Francisco de Assis, sentia o Cristo dizer-lhe “[...] vai e repara a minha casa, que, como vês, está se destruindo toda!”³. Assim como o santo de Assis compreendeu toda a sua vocação a partir daquele “vai!”, o Papa argentino compreende o papado e toda a Igreja como uma missão a cumprir⁴.

² PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium: A alegria do evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 18.

³ BOAVENTURA, São. *Legenda maior de São Francisco*. Disponível em: <<https://www.capuchinhos.org.br/procasp/franciscanismo/fontes-biograficas/sao-boaventura/legenda-maior/capitulo-2>>.

⁴ A este respeito, ele conversa com seu leitor: “Também tu precisas conceber a totalidade da tua vida como uma missão”; e cita o teólogo: “não é que a vida tenha uma missão, mas a vida é uma missão” (PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete*

Francisco tem facilidade em criar expressões que se tornam populares. “Igreja em saída” é uma delas. Porém, de tão repetida, a expressão corre o risco de ir perdendo a força de impactar, o que o Papa pretendeu ao lançá-la, com a exortação *Evangelii Gaudium* (doravante EG), onde ele apresenta todo o seu programa de reformas⁵ para a Igreja. No entanto, há que se compreender a noção de “Igreja em saída” não como uma invenção deste pontificado, mas sim como a própria razão de ser da Igreja fundada por Jesus Cristo. É o que veremos neste artigo. Duas contribuições específicas do magistério do Papa Francisco – além de seus gestos concretos que apontam no mesmo sentido – são as respostas que ele tem proposto aos desafios da “autorreferencialidade” e das “periferias existenciais”. Ora, se os discípulos de Cristo devem estar em constante saída missionária, é necessário compreender em que consiste tal dinâmica e que implicações isso traz aos nossos planejamentos pastorais.

Quando vemos o Papa ampliando a acolhida aos divorciados, militando na defesa dos refugiados e migrantes, engajando-se na questão da emergência climática, dando maior visibilidade aos povos indígenas e aos movimentos sociais, propondo uma nova economia etc., estamos perante uma Igreja decidindo-se por sair do lugar de conforto, uma Igreja “[...] acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, [...] e não] uma Igreja preocupada com ser o centro”⁶. Diante dessa convocação papal seguida de exemplos tão coerentes, “[...] quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”⁷.

et exsultate, sobre a chamada à santidade no mundo atual. 19 mar. 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#_ftn27> *apud* Xavier Zubiri. *Naturaleza, historia, Dios* [Madrid, 1999], p. 427).

⁵ O termo “reforma” aparece várias vezes na EG (cf. pp. 18, 25, 26, 28, 39 etc.), não se referindo, por certo, à Reforma Protestante, do século XVI, mas sim à ideia de conversão constante, contida na máxima atribuída a Santo Agostinho: “*ecclesia semper reformanda est*” – “a Igreja sempre se deve reformar”. Tal ideia aparece também no Concílio Vaticano II, particularmente no documento sobre ecumenismo: “A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene, de que ela própria, como instituição humana e terrena, necessita perpetuamente” (VATICANO II, Concílio. “Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo”. In: Documentos do Concílio Vaticano II. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 225).

⁶ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 42-43.

⁷ Ap 2,29.

1. Saída de onde e para onde?

Na apresentação da EG, o Papa Francisco antecipa que tratará, em primeiro lugar, da “reforma da Igreja em saída missionária”. No parágrafo nº 20, o Papa cita algumas referências da Sagrada Escritura ao tema da saída, lembrando Abraão (cf. Gn 12,1-3), Moisés (cf. Ex 3,10) e Jeremias (Jr 1,7) como exemplos⁸.

O documento *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II⁹, “apresenta o mistério da Igreja, que deve a si mesma à livre saída de Deus: ao desígnio universal salvífico do Pai, que se manifesta no envio do seu Filho, que se cumpre no dom do Espírito”¹⁰. De fato, na teologia trinitária se diz que a Igreja surge das “missões” do Filho e do Espírito Santo por parte do Pai. O Filho e o Espírito são enviados pelo Pai em dois sentidos: no âmbito das relações *ad intra*, por geração e processão (Trindade imanente) pelas quais essas Pessoas “saem” eternamente do Pai, e também *ad extra*, pela Encarnação e Mistério Pascal (Trindade econômica) pelas quais estas mesmas Pessoas “saem” historicamente do Pai, forjando a Igreja¹¹. Assim, a Igreja possui a dinâmica da saída missionária em seu próprio DNA.

A saga de Abraão é a referência clássica quando se pensa na ideia de “saída”. Lévinas faz uma interessante comparação entre a figura bíblica de Abraão e a personagem Ulisses, da mitologia grega. A narrativa dramática de Ulisses é o ícone do conceito de *identidade*, tão importante para a cultura ocidental. A palavra “identidade” deriva do termo latino *idem* (“o mesmo”¹²), que, por sua vez, vem do termo grego *ídios* (“que

⁸ Outras menções bíblicas ao “vai/ide” são: a Gedeão (cf. Jz 6,14), a Elias (cf. 1Rs 17,9), a Tobias (cf. Tb 5,3), a Oseias (cf. Os 1,2), a Jonas (cf. Jn 1,2.3,2), a José, esposo de Maria (cf. Mt 2,13), a Paulo (cf. At 22,10).

⁹ VATICANO II, Concílio. “Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja”. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 2.ed. São Paulo: Paulus, 1997, p.101-197.

¹⁰ REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 20.

¹¹ “As missões do Filho e do Espírito são, de certo modo, o ‘prolongamento’ das processões intradivinas para o interior da criação” (MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática católica: teoria e prática da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 325).

¹² Cf. FARIA, Ernesto (org.). *Dicionário escolar latino-português*. 3.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1962, p. 462.

está à parte, sozinho”¹³). A guerra de Troia separou Ulisses de sua esposa Penélope e sua terra natal Ítaca, mas ele ardentemente desejou, o tempo todo, retornar ao lar, de modo que ele não se permite estar verdadeiramente numa terra diferente ou fazer verdadeiro intercâmbio com um povo diverso do seu. Ulisses, então, permanece sempre o mesmo. Depois de uma longa viagem, ele finalmente retorna ao mesmo lar e encontra a mesma Penélope. Lévinas afirma que “ao mito de Ulisses voltando para Ítaca, gostaríamos de opor a narrativa de Abraão que deixa sua terra natal para sempre, em direção a uma terra desconhecida”¹⁴. Assim, Lévinas sugere que a saída de Abraão representa uma alternativa à obsessão pelo mesmo na mitologia grega, com a perspectiva da alteridade e abertura ao diferente.

Colocar-se “em saída” sempre implica, de certa forma, colocar em risco a própria identidade no sentido solipsista. Mas, ao mesmo tempo, Lévinas demonstrou que é justamente no confronto com as alteridades – o Outro e os outros de si mesmo – que a pessoa humana vai forjando a sua identidade, no sentido saudável do termo. Portanto, numa visão antropomórfica da Igreja, poderíamos dizer que ela se colocar “em saída” não é meramente uma opção politicamente correta, mas é a única forma de ela manter a sua própria e sadia identidade.

Depois de Abraão, Moisés é protagonista do grande “êxodo” (= saída), momento decisivo para o povo de Israel. Sair da escravidão do Egito rumo à liberdade da terra prometida custou aos israelitas o preço de abandonar as cebolas que lá eram abundantes e enfrentar as agruras do deserto. A Igreja em saída é a Igreja em contínuo êxodo, Igreja que se entende como peregrina, em travessia. Chega a ser assustador imaginar que, considerando a expectativa de vida à época de Moisés, muitos hebreus nasceram, cresceram e morreram no deserto, em travessia. Para eles, pertencer ao povo escolhido de Deus era apenas isso: viver da esperança e do caminho, e a promessa era uma utopia (“não lugar”). O Concílio Vaticano II, ao apresentar o conceito de “povo de Deus” em vez do de

¹³ Cf. RUSCONI, Carlo. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 231.

¹⁴ LÉVINAS, Emmanuel. *En Découvrant L’Existence avec Husserl et Heidegger*. Paris: Librairie Philosophique, 1974, p. 191.

“sociedade perfeita” para definir a Igreja de Cristo, provocou essa grande mudança de acento: do estável e seguro para a aventura da confiança em Deus. É a “[...] dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo”¹⁵.

Cabe-nos também aqui perguntar a que lugar a Igreja militante poderia ainda sair em que já não estivesse, uma vez que ela se encontra plenamente implantada no mundo, como Jesus rezou: “Eu já não estou no mundo, eles, porém, estão no mundo [...]. Não rogo que os tires do mundo”¹⁶. No mundo e no mundo inteiro! Os discípulos missionários

seriam missionários inúteis se seguissem um caminho qualquer; seriam desorientados, se escolhessem o caminho por erro-acerto; seriam ingênuos, se se deixassem iludir por falsos apelos, sem se dar conta por que caminhos andam; seriam mimetistas, se se contentassem em repetir os métodos, imitar as ações e seguir os caminhos alheios; enfim, seriam infieis, se construísem caminhos próprios sem discernir os desígnios de Deus. Sair, sim, mas para estar ali onde o Senhor da Messe deseja que estejam seus discípulos missionários, para anunciar a Palavra de Deus a quem o Pai deseja dirigir sua Palavra de amor. Só assim será possível experimentar a verdadeira alegria de evangelizar¹⁷.

A nota da *catolicidade* indica exatamente que a Igreja de Cristo, como diz a Oração Eucarística II, está *toto orbe diffúsa*¹⁸ (“espalhada por toda a terra”; na tradução brasileira vigente, “que se faz presente pelo mundo inteiro”¹⁹). Na famosa expressão da *Carta a Diogneto* (séc. II d.C.), assim se dá a relação dos cristãos com o mundo:

Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira (5,5); [...] moram na terra, mas têm sua cidadania no céu [...] (5,9).

¹⁵ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 20.

¹⁶ Jo 17,11.15.

¹⁷ VITÓRIO, Jaldemir. *Igreja em saída*: conferência no IV Colóquio de Teologia e Pastoral, 2-4 de maio de 2016. FAJE, ISTA, PUC-Minas e Centro Loyola, p. 44-45.

¹⁸ CONGREGATIO DE CULTU DIVINO ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM. *Missale Romanum: iuxta typicam tertiam*. Downers Grove: Midwest Theological Forum, 2007, p. 508.

¹⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano: tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 480.

Assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível (6,1-4)”²⁰.

Tomás de Aquino, em sua teologia sobre a Trindade, ao falar das missões das Pessoas divinas, ensina que missão “implica que o enviado, ou começa a estar onde antes não estava, como acontece nas coisas criadas; ou começa a estar de maneira nova lá onde estava”²¹. De fato, se a Igreja já está presente por toda parte, fica claro que o Papa Francisco, ao falar dessa saída da Igreja, refere-se a outra maneira de presença desta no mundo. Não se trata exclusivamente de ir a algum lugar que demande especialmente a missão da Igreja, como na antiga compreensão de que algumas regiões específicas seriam “terras de missão”, mas sim uma atitude de sair de si mesma. Diz ainda Tomás que “a Pessoa divina enviada, assim como não começa a estar em um lugar onde antes não estava, também não deixa de estar no lugar onde estava”²². Assim também, a saída missionária da Igreja fala mais sobre sua origem do que sobre seu destino; logo, ainda mais importante do que um vigoroso saber para onde vai (planejamento pastoral) é saber de onde veio: da vontade divina de salvação universal.

Cristo Jesus, no contexto do sermão sobre o bom pastor, também se utiliza desta outra imagem: “Eu sou a porta. Quem entrar por mim, será salvo; entrará e sairá, e encontrará pastagem”²³. As ovelhas precisam entrar no redil, símbolo da segurança e proteção, mas também precisam sair dele para a experiência do viver, as andanças pelo mundo, a pastagem, o exercitar-se. Talvez possamos interpretar esse versículo como contendo em germe a dinâmica da “Igreja em saída”, uma vez que o “entrar” por Cristo, nossa porta, para o encontro com Deus pede também o “sair” por ele para a missão no cotidiano.

²⁰ PADRES APOLOGISTAS. *Carta a Diogneto*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 19.

²¹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. v.1. São Paulo: Loyola, 2001, p. 687.

²² TOMÁS DE AQUINO. 2001, p. 679.

²³ Jo 10,9.

A “prova”, se assim se pode dizer, de que Cristo verdadeiramente ressuscitou, é que os apóstolos, que até então se encontravam no cenáculo “estando trancadas as portas por medo”²⁴, depois de encontrarem o Senhor ressuscitado, tornaram-se “Igreja em saída” pela primeira vez, literalmente: foram para as praças, para o templo, para as sinagogas, para as estradas anunciar o Evangelho. Que outra experiência, fictícia, ilusória, seria capaz de realizar tal transformação naquele pequeno rebanho? A saída missionária é, antes de tudo, uma ação do Espírito Santo, que se faz a alma da Igreja, corpo de Cristo. É por isso que o Papa Francisco afirma: “Antes de propor algumas motivações e sugestões espirituais, invoco uma vez mais o Espírito Santo: peço-lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar”²⁵.

Os estudiosos de Tomás de Aquino costumam descrever a estrutura da *Suma Teológica*, sua obra magna, pelo esquema *exitus-reditus*, segundo o qual o Doutor Angélico teria arquitetado, de forma monumental, toda a teologia cristã como a criação que *sai* do coração de Deus e a ele *retorna* por meio de Cristo, pelos mistérios da encarnação e redenção, que culminam nos sacramentos da Igreja; de fato, é exatamente essa a ordem da *Suma*. Todos os tratados teológicos seguiriam, mais ou menos, esse trajeto na obra tomasiana: saem de Deus e retornam a ele. Talvez esta seja outra forma de ver a “Igreja em saída” proposta pelo Papa Francisco: é uma saída que parte do coração da Igreja para, depois de percorrer os caminhos do mundo, retornar à Igreja, trazendo consigo o mundo. Essa dinâmica é mais bem compreendida a partir da vocação dos cristãos leigos, que Puebla chamou de “homens da Igreja no coração do mundo e homens do mundo no coração da Igreja”²⁶. De fato, como afirma Pedro Ribeiro, “da participação ativa de leigos e leigas depende o êxito do projeto de Igreja ‘em saída’”²⁷, por constituírem estes os membros do

²⁴ Jo 20,19.26.

²⁵ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 204.

²⁶ CELAM. Documento de Puebla: III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. 1979. Disponível em: <https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Puebla.pdf>, p. 119.

²⁷ OLIVEIRA. Pedro A. Ribeiro de. Igreja “em saída” x restauração identitária: como desempatar? Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/535020-igreja-em-saida-x-restau-racao-identitaria-como-desempatar>>.

corpo de Cristo imiscuídos diretamente nas realidades seculares, objeto da missão da Igreja.

2. Sair de si

Se a Igreja deve estar em perene estado de saída, sendo ela já *toto orbe diffusae*, isso significa que esse sair é metafórico, o que não quer dizer responsabilidade menor. Trata-se de um sair não necessariamente geográfico, mas um sair de si. O sentido é o mesmo da *kênosis* do Filho de Deus, descrito no hino recolhido por Paulo: “Ele, existindo em forma divina, não considerou um privilégio ser igual a Deus, mas *esvaziou-se*, assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante ao ser humano”²⁸. Sair de si é *esvaziar-se* de suas prerrogativas, renunciar a privilégios e confortos, desinstalar-se, abrir mão até mesmo de alguns direitos para solidarizar-se com quem não os tem. Igreja em saída missionária, portanto, muito mais do que Igreja às voltas com diversas e intensas atividades pastorais, é Igreja em postura de desapego de si.

Portanto, *Ecclesia semper reformanda*, para o Papa Francisco, não pode se limitar a um conjunto de medidas emergenciais e pontuais – reforma da cúria romana, reforma dos tribunais eclesiásticos, reforma da colegialidade episcopal etc. –, mas amplia-se à própria identidade e missão do ser eclesial, à própria razão da existência da Igreja. Já a palavra *Igreja* (*ecclêsia*, *eklesía*, *qahal*) contém a ideia de movimento de saída: “assembleia convocada que se reúne”, o que implica um sair da residência onde mora a família para se dirigir à “casa da Igreja”, o espaço litúrgico.

Por outro lado, estudiosos como Jungmann sustentam que a celebração eucarística foi ganhando o cognome “missa” – do latim *missio* – devido à última frase do ritual, que a assembleia ouvia do diácono: *ite, missa est*, que quer dizer algo como: “ide, [a assembleia] está dispensada”²⁹. Aos poucos, este “ide” final, que originalmente era simples

²⁸ Fl 2,6-7 (grifo nosso).

²⁹ “Hoje em dia já não há mais dúvida sobre o sentido básico da palavra: *missa* = *missio* = *dimissio*. No latim tardio, ela significa demissão, despedida” (JUNGMANN, J. A. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 189).

despedida do povo, foi ganhando contornos de um envio missionário. De qualquer forma, a própria ideia de assembleia litúrgica como origem da palavra *Igreja* aponta para a realidade desta dupla saída: sair de casa para o templo (congregar) e sair do templo para o mundo (dispersar).

A pandemia de Covid-19 nos tomou a todos de surpresa, a nós que sequer podíamos supor que viveríamos experiências de confinamento em pleno século XXI. E a Igreja de Cristo se vê obrigada a abrir mão de seus eventos de massa e a voltar às suas origens, no ambiente doméstico e de pequenas comunidades. Como em outras grandes crises de sua história, a Igreja busca outros modos de realizar a convocação de uma assembleia para o culto a Deus e também de obedecer ao envio para evangelizar.

De qualquer forma, essa noção de “saída de si”, presente nos fundamentos teológicos do próprio conceito de Igreja, uma vez assumida na prática pastoral, tem importantes consequências, que veremos a seguir.

3. Superar a autorreferencialidade

O então cardeal Jorge Mario Bergoglio, dirigindo-se aos colegas eleitores na congregação geral da manhã, no mesmo dia de sua eleição para pontífice, fez sua pequena, famosa e programática intervenção, que se diz ter sido responsável por angariar os últimos votos que lhe faltavam para ser eleito:

Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar, torna-se autorreferencial e então adoce [...]. Os males que, ao longo do tempo, se dão nas instituições eclesiais têm raiz na autorreferencialidade, uma espécie de narcisismo teológico. No Apocalipse Jesus diz que está à porta e bate. Evidentemente, o texto se refere ao fato de que Jesus bate do lado de fora da porta para entrar... Mas penso nas vezes em que Jesus bate do lado de dentro para que o deixemos sair. A Igreja autorreferencial quer Jesus Cristo dentro de si e não o deixa sair. A Igreja, quando é autorreferencial, sem se dar conta, acredita que tem luz própria; deixa de ser o *mysterium lunae* e dá lugar a esse mal tão grave que é a mundanidade espiritual³⁰.

³⁰ ORTEGA, Cardeal Jaime. “Esta é a intervenção magistral do cardeal Bergoglio no pré-conclave.” *Instituto Humanitas Unisinos*, 26 mar. 2013. <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518772-esta-e-a-intervencao-magistral-do-cardeal-bergoglio-no-pre-conclave>>.

O tema da “autorreferencialidade” reaparece três vezes na Exortação *Evangelii Gaudium*: nos parágrafos nº 8 – “Somente graças a este encontro [...] com o amor de Deus [...] é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade”³¹ –, de nº 94 – “[...] o neopelagianismo autorreferencial e prometeico de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros [...]”³² – e de nº 95 – “[...] atração pelas dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial”³³. A expressão fala de uma postura egocêntrica, de quem tem a si mesmo como única referência. Como se pode perceber, o prefixo grecolatino *auto*, que significa “por si próprio”, é bastante utilizado no vocabulário da EG: ele refere-se ainda a “autopreservação”³⁴ (nº 27), “rigidez autodefensiva”³⁵ (nº 45), “autonomia”³⁶ (nºs 56, 78, 81, 89, 202), “autoritarismo”³⁷ (nºs 94, 255), “autocomplacência egocêntrica”³⁸ (nº 95), “autorrealização isolada”³⁹ (nº 173), “autoafirmação”⁴⁰ (nº 223) e “atitude autodestrutiva”⁴¹ (nº 275).

Para o Papa Francisco, o que existe de mais grave em todos os grandes problemas internos da Igreja é justamente o fato de eles serem internos, quando as energias da Igreja deveriam ser gastas com os desafios externos, os de tantos milhões de pessoas que sofrem no mundo, a quem seu divino Fundador a mandou servir. Segundo essa visão, quando a Igreja esgota a maior parte de seu tempo, atenção e recursos consigo mesma, ela está corrompendo sua identidade e sua razão de existir, pois não lhe sobrarão forças para servir ao mundo. Afinal, foi assim, com critérios totalmente avessos à autorreferencialidade, que Cristo iniciou seu “pequeno rebanho”:

³¹ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 9.

³² PAPA FRANCISCO, 2013, p. 80.

³³ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 81.

³⁴ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 25.

³⁵ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 40.

³⁶ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 50, 67, 69, 76 e 167, respectivamente.

³⁷ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 80 e 199.

³⁸ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 81.

³⁹ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 143.

⁴⁰ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 179.

⁴¹ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 216.

Os apóstolos se reuniram com Jesus e lhe contaram tudo quanto haviam feito e ensinado. Ele disse-lhes: “Vinde, vós sozinhos, para um lugar deserto e descansai um pouco”! Havia, de fato, tanta gente indo e vindo, que nem sequer encontravam tempo para comer. Foram, então, sozinhos, de barco, para um lugar deserto. Muitos os viram partir e, reconhecendo-os, correram à frente, a pé, de todas as cidades, e chegaram lá antes deles. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e encheu-se de compaixão por eles, porque eram como ovelhas sem pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas⁴².

No paralelo de Mateus, Jesus encontra as multidões “cansadas e abatidas como ovelhas sem pastor”⁴³. Jesus tem diante de si o cansaço próprio, o cansaço dos apóstolos e o cansaço das multidões. Diante da necessidade natural de descanso, sendo uma das leis prescritas por Deus a do repouso sagrado, o Senhor Jesus coloca o descanso das multidões antes do seu e o de seus apóstolos na ordem de prioridade. E aqui, o apelo pastoral não consiste em qualquer urgência material ou psicológica, como fome, doença ou possessão demoníaca, mas consiste, isto sim, no discipulado, ou seja, na necessidade de ouvir seus ensinamentos: “e começou a ensinar-lhes muitas coisas”⁴⁴.

Outra demonstração clara da “alterreferencialidade”⁴⁵ ensinada por Cristo aos discípulos é a passagem do lava-pés na última ceia: “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros”⁴⁶. Humanamente, Jesus tinha todo o direito – e necessidade! – de ser cuidado e consolado naquela hora em que já ia entrando em sua agonia mortal; no entanto, mesmo naquelas condições, ele quis se colocar a serviço, fazer-se servo humilde. É o esvaziamento de si, mais uma vez o conceito de *kênosis*, a completa coerência com a atitude que ele mesmo exigira de seus discípulos: renunciar a si mesmo⁴⁷. Assim, o Senhor Jesus

⁴² Mc 6,30-34.

⁴³ Mt 9,36.

⁴⁴ Mc 6,34.

⁴⁵ Neologismo nosso; em referência ao prefixo “auto” utilizado pelo Papa Francisco em sentido negativo (“autorreferencialidade”), proponho como antônimo o prefixo “alter”, que significa “outro” em latim.

⁴⁶ Jo 13,14.

⁴⁷ Cf. Mc 8,34.

Cristo manifestou sua vontade explícita de que a Igreja exista não referente a si mesma, mas referenciando-se ao mundo, especialmente aos necessitados. Isso se prova pelas imagens que ele próprio escolheu para falar da comunidade dos discípulos: “Vós sois o sal da terra. Se o sal perder o sabor, [...] não servirá para mais nada. [...] Vós sois a luz do mundo; [...] não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo da caixa”⁴⁸.

Ao mesmo se refere a *Lumen Gentium* quando afirma ser a Igreja “como que *sacramento*, isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano”⁴⁹; ora, os sacramentos são sinais que não existem para si mesmos, mas para comunicar a salvação aos que os recebem. O sacramento do batismo só existe nas pessoas batizadas; a eucaristia só é celebrada validamente se as espécies eucarísticas forem consumidas etc. Agostinho em seu tratado *De Trinitate* ensina que só se pode falar do Filho ao se referir à *relação* deste com o Pai; quando não se inclui essa referência (pessoa), fala-se simplesmente de “Deus” (natureza). É só dessa mesma forma que se pode entender a Igreja: não como instituição estanque, referente a si mesma, mas sempre necessariamente alterreferenciada. Se a Igreja é a continuação da obra redentora do Filho de Deus no mundo, ela também precisa dizer de si mesma: “não vim para ser servida, mas para servir”⁵⁰.

Às vezes não é fácil, no ministério presbiteral, expressar isso para além das palavras. É comum que os fiéis se aproximem do pároco já se desculpando por estar incomodando, pedindo perdão por atrapalhá-lo em suas muitas ocupações... Nas celebrações litúrgicas, o sacerdote, por estar agindo *in persona Christi*, é o tempo todo servido por acólitos e ministros extraordinários, o que pode dificultar que se perceba a presidência como um serviço prestado pelo sacerdote à assembleia... Os privilégios que o “cura de aldeia” recebe em sua paróquia, sendo muitas vezes atendido gratuitamente pelos profissionais liberais da região, convidado a saltar para a frente na fila do banco, tudo isso pode ofuscar o “caráter” do serviço sacerdotal impresso na ordenação. Gestos pequenos

⁴⁸ Mt 5,13-15.

⁴⁹ VATICANO II, Concílio. “Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja”. *In*: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 2.ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 102.

⁵⁰ Mt 20,28.

do Papa Francisco – como o carregar a própria bolsa, preferir carros populares e evitar que diáconos segurem as pontas de sua capa, por exemplo – demonstram essa atitude de servir efetivamente e não demandar ser servido.

Para o Papa Francisco, abusos financeiros, sexuais e morais por parte de clérigos, por exemplo, geralmente se devem a esta praga da autorreferencialidade, por se sustentarem na sensação de superioridade dos que se aproveitam da própria imagem de representante do sagrado para impor o silêncio às vítimas e, assim, obter impunidade. É o que afirma o jornalista Luis Badilla: “Os abusos sexuais de vários membros do clero, em todos os países e continentes, pertencem à terrível consequência da autorreferencialidade, do abuso de poder”⁵¹. O Papa Francisco, numa carta ao episcopado estadunidense, afirma, neste mesmo sentido, que o clericalismo é “um modo anormal de entender a autoridade na Igreja, tão comum em muitas comunidades onde ocorreram as condutas de abuso sexual, de poder e de consciência”⁵². Assim, a reforma de que a Igreja necessita passa fundamentalmente pela conversão pastoral, de uma postura de autorreferencialidade para uma de alterreferencialidade.

4. Adotar a excentricidade

O termo “excêntrico” significa “que se afasta do centro”, que destoa do senso comum, que se coloca à margem. O ministério de Jesus consistiu, todo ele, numa postura de *excentricidade*: ele mesmo saía do centro e trazia os que estavam à margem (por isso “marginalizados”) para o

⁵¹ BADILLA, Luis. “Lembre-se sempre que os responsáveis e autores de pecados e crimes tais como os abusos sexuais de crianças temem mais a imprensa do que o inferno”. *Instituto Humanitas Unisinos*, 15 ago. 2018. Trad. Luisa Rabolini. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/581882-lembrar-se-sempre-que-os-responsaveis-e-autores-de-pecados-e-crimes-tais-como-os-abusos-sexuais-de-criancas-temem-mais-a-imprensa-do-que-o-inferno>>.

⁵² PAPA FRANCISCO. Letter sent by the Holy Father to the bishops of the United States Conference of Catholic Bishops. 01 jan. 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/en/letters/2019/documents/papa-francesco_20190101_lettera-vescovi-usa.html>.

centro. “Jesus chamou uma criança, colocou-a no *meio deles*”⁵³; “Jesus disse ao homem da mão seca: ‘Levanta-te! Vem para o *meio!*’”⁵⁴.

Uma Igreja em saída é uma Igreja que está disposta a sair do centro, em todos os sentidos: no psicológico, deixa de querer estar sempre em evidência na sociedade; no espiritual, não se impondo como a última palavra em religião, não se vendo como a detentora da verdade definitiva, sendo capaz de colocar-se em diálogo ecumênico e inter-religioso; e também no geográfico, abrindo mão do eurocentrismo, vivendo com ousadia sua catolicidade e não concentrando todas as atenções na catedral e na matriz. Há outro conceito complementar muito utilizado pelo Papa para expressar essa margem, o que está fora do centro: o de periferia.

Na já citada intervenção do papável Bergoglio no conclave de 2013, ele defendia que era preciso que o próximo papa fosse “um homem que [...] ajude a Igreja a sair de si para as periferias existenciais”⁵⁵. Ganha fama, assim, mais uma máxima do Papa Francisco: a expressão “periferias existenciais”. De fato, na EG, a palavra periferia aparece 9 vezes. Por exemplo, ele convida a Igreja a “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”⁵⁶ (nº 20); a “sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas”⁵⁷ (nº 46), pedindo ao Senhor que “nenhuma periferia fique privada da luz”⁵⁸ do Evangelho (nº 288).

Jesus cresce na insignificante Nazaré e inicia sua vida pública na periferia de Israel, a “Galileia dos pagãos”, que tinha sotaque próprio⁵⁹ e por isso era discriminada na capital Jerusalém. Jesus andou pela proscrita Samaria, e foi crucificado e sepultado fora dos muros de Jerusalém, na periferia da Cidade Santa. Foi na periferia que Jesus encontrou a adúltera samaritana, o endemoninhado que dormia entre os túmulos, os leprosos que não podiam entrar nas cidades. Cristo envia seus discípulos

⁵³ Mt 18,3.

⁵⁴ Mc 3,3.

⁵⁵ ORTEGA, 2013.

⁵⁶ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 20.

⁵⁷ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 40.

⁵⁸ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 229.

⁵⁹ “É claro que tu também és um deles, pois o teu sotaque de denuncia” (Mt 26,73), ridicularizaram Pedro enquanto ele negava Jesus três vezes.

“às ovelhas perdidas da casa de Israel”⁶⁰, os que se encontravam justamente nas periferias, tanto as geográficas como as existenciais.

A Igreja que o Papa Francisco deseja é aquela que renuncia a si mesma, que se nega a si mesma, saindo do centro, não por timidez, por deficiência de autoestima, não por falsa modéstia institucional ou complexo de inferioridade organizacional, mas por opção pastoral, por decisão consciente; uma Igreja não focada nas estatísticas a respeito de si mesma, sem obsessão por grandes massas, nem ênfase no “*marketing* religioso”; uma Igreja sem alianças com políticos suspeitos, ainda que por causas nobres, e sem *lobby* junto a parlamentares por mais isenções de impostos etc.

Ao contrário, Francisco sonha com uma Igreja mais atenta às análises de conjuntura das sociedades onde está inserida, uma Igreja ocupada em acompanhar os números sociais, que negocia e usa sua influência para se opor a decretos ou projetos de lei que ameacem a democracia e os direitos humanos, civis e sociais, uma Igreja que se pronuncia sempre a favor da grande maioria do povo, que se posiciona ao lado dos pobres, uma Igreja que se empenha em dar voz e visibilidade aos excluídos e marginalizados, que procura ter sempre mais obras filantrópicas e de promoção humana, que se sinta mais à mesa com os movimentos sociais do que com grandes empresários, uma Igreja que planeja sua ação pastoral dando real voz e vez aos cristãos “leigos” e “leigas”, os quais não são protagonistas apenas no desempenho de funções “menos importantes” que o clérigo se considera muito ocupado para fazer, mas atores principais nos centros decisórios e deliberativos da Igreja, levados a sério nos conselhos pastorais e para assuntos econômicos etc.

Uma Igreja excêntrica, alterreferenciada e kenótica será, consequentemente, despojada e pobre, uma Igreja verdadeiramente formada pelo povo e servidora do povo.

5. Igreja pobre e teologia do povo

O jovem teólogo Joseph Ratzinger, em 1969, no clima do otimismo pós-Concílio, deu uma série de conferências radiofônicas na Alemanha;

⁶⁰ Mt 10,6.

numa delas, que hoje se tornou famosa, embora tenha estado desconhecida por décadas, o futuro Bento XVI faz uma espécie de profecia bastante realista sobre o futuro da Igreja, em que curiosamente se percebe muito do que o Papa Francisco proporá quase cinco décadas mais tarde na EG. O texto foi publicado nos EUA num capítulo intitulado “Como será a Igreja nos anos 2000?”:

Da crise de hoje surgirá a Igreja de amanhã; a Igreja que tem perdido muito. Ela se tornará pequena e terá que começar de novo mais ou menos a partir do início. Ela não mais terá condições de habitar muitos dos edifícios que ergueu em tempos de prosperidade. Como o número de seus membros diminuirá, ela perderá muitos de seus privilégios sociais. [...] Ela descobrirá novas formas de ministério e ordenará para o sacerdócio cristãos aprovados que já possuam alguma profissão. [...] Será difícil ir à Igreja, pois o processo de cristalização e clarificação lhe custará uma energia muito valiosa. Isso fará com que ela seja pobre e se torne a Igreja dos humildes⁶¹.

O Papa Francisco expressou claramente este sonho que tem para a Igreja, tanto em algumas entrevistas quanto no próprio texto da exortação: “[...] desejo uma Igreja pobre para os pobres” (EG, nº 198⁶²). Ao falar de uma Igreja que faz opção preferencial pelos pobres, Francisco sabe que incorrerá no perigo de ser taxado de comunista, socialista, marxista. Prefere correr esse risco a omitir-se nesse ponto que para ele é central no processo de conversão pastoral para uma Igreja em saída e “alterreferencial”. De fato, a Igreja latino-americana, ao enfatizar a figura do pobre, está usando uma terminologia eminentemente bíblica, particularmente lucana, que não pode ser intercambiada pelo proletário do marxismo.

O *background* de Bergoglio não é a teologia da libertação de Gustavo Gutiérrez – esta, sim, a utilizar o método dialético de Karl Marx na leitura da sociedade –, mas a experiência muito particularmente da “teologia do povo” na Argentina, formuladas pelos ítalo-argentinos Lucio Gera (1ª geração) e Juan Carlos Scannone (2ª geração). Essa teologia surge com os primeiros comentários ao conceito de Igreja como “Povo

⁶¹ RATZINGER, Joseph. *Faith and the Future*. San Francisco: Ignatius Press, 2009, p. 105-106.

⁶² PAPA FRANCISCO, 2013, p. 163.

de Deus” da *Lumen Gentium*, acompanha o conceito de povo desenvolvido pelo documento de Medellín⁶³, forjando uma reflexão teológica em torno das seguintes palavras-chave: povo, pobre, trabalho, cultura, unidade, conversão, missão e saída⁶⁴. Lendo os textos do Papa Francisco, percebemos claramente a fortíssima influência da teologia do povo neles, assim como ao ler o documento de Aparecida⁶⁵, que teve o então cardeal Bergoglio como presidente da comissão redatora.

Nesse sentido, a teologia do povo, afirma Roberto Repole,

se caracteriza pelo fato de considerar o povo à luz da sua unidade e interpreta, portanto, a injustiça social como antipovo. O povo não vem por isso visto em termos dialéticos, como *classe* oprimida pelo sistema capitalista, mas em uma perspectiva sociocultural, qual sujeito de uma história e de uma cultura comum; e é considerado portador de sua própria cultura, entendida como estilo de vida comum de um povo⁶⁶.

Para Francisco, “Deus criou um caminho para se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados”⁶⁷. Assim, a evangelização não pode se deixar perder nos meandros perigosos da *subjetividade*, com o risco do *subjetivismo*, pois seu lugar natural é a *intersubjetividade*, com sua ideia de rede de relações. Cultura é “o estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus”⁶⁸. A visão de Francisco aponta a um novo paradigma, o orgânico e relacional, que supera o da racionalidade moderna, analítica, individualista. E é ele mesmo quem pretende propor

⁶³ CELAM. Documento de Medellín: II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. 1968. Disponível em: <https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Medellin.pdf>.

⁶⁴ RIBEIRO, Célia Maria. *O espírito do pastor: a espiritualidade inaciana no ministério no ministério do Papa Francisco*. 2018. 275 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 155 (grifo da autora).

⁶⁵ Cf. CELAM. *Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano e do Caribe*. Brasília; São Paulo: Edições CNBB; Paulinas; Paulus, 2007.

⁶⁶ REPOLE, 2018, p. 47-48.

⁶⁷ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 95.

⁶⁸ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 96.

uma mudança de paradigma, ao afirmar que “a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja”⁶⁹. Porém, a relacionalidade só se tornará de fato um novo paradigma se perpassar toda a realidade humana: as relações sociais, culturais, religiosas, políticas, econômicas, ecológicas etc. Francisco desenvolverá melhor este paradigma da relacionalidade na encíclica *Laudato Si*⁷⁰, insistindo em afirmar que “tudo está relacionado”⁷¹ (n^{os} 92, 120, 137, 142 e 70), “tudo está interligado”⁷² (n^o 138).

O magistério do Papa Francisco demonstra ver convergência nas causas que defende: a dignidade dos pobres, dos refugiados, dos ameaçados pelo aborto, dos prisioneiros, dos excluídos da comunhão eucarística, das vítimas de abusos sexuais, da “casa comum”, dos povos amazônicos etc. E a luta comum por essas causas todas não se limita a um “departamento de filantropia” dentro do espectro do apostolado cristão; antes, confunde-se com a própria identidade e missão da Igreja. De modo que a Igreja, ou está “em saída”, ou deixaria de ser o “corpo de Cristo”⁷³, reduzindo-se a uma sua estátua de museu.

Conclusão

A teologia da Igreja em saída talvez já esteja bastante assimilada pelos pensadores e os formadores de opinião do ambiente eclesial. Mas continuam faltando-lhe aplicações pastorais eficientes e eficazes. Por isso, Francisco alega que “aquilo que pretendo deixar expresso aqui possui um significado programático e tem consequências importantes”⁷⁴. Não é à toa, por exemplo, que o pontífice dedica nada menos que 24 parágrafos de sua exortação EG à questão mais prática de todas: a preparação das homilias, que ele sabe ser o canal de comunicação que mais alcança os fiéis católicos em todo o mundo. Adiante, ele faz ainda

⁶⁹ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 16 (grifo do autor).

⁷⁰ PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si*’ sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

⁷¹ PAPA FRANCISCO, 2015, p. 76, 98, 113, 116 e 59, respectivamente.

⁷² PAPA FRANCISCO, 2015, p. 113.

⁷³ 1Cor 12,27.

⁷⁴ PAPA FRANCISCO, 2013, p. 24.

outra proposta bem concreta: “[...] ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas”⁷⁵. Para Francisco, Igreja em saída não pode entrar para a categoria dos lemas bem elaborados, mas nunca colocados em prática.

Observando a *performance* do bispo de Roma até aqui, percebemos que cada detalhe de suas atitudes, desde a aurora de seu pontificado, faz parte da reforma que veio empreender. Por exemplo, ao ir pessoalmente pagar a sua conta na portaria do hotel, no dia seguinte à sua eleição, Bergoglio estava, ao mesmo tempo, esforçando-se por continuar sendo o mesmo de sempre, e evidenciando que seu governo seria marcado pela superação das honras e privilégios dos muitas vezes considerados “príncipes da Igreja”, um projeto levado a peito com simplicidade, modéstia e muita responsabilidade. Para Francisco, os bispos só podem ser considerados “príncipes” no sentido lato do termo: os que “principiam”, os que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”⁷⁶. Os pastores, “modelos do rebanho”⁷⁷, como representantes de Cristo, devem começar urgentemente a testemunhar este “modo de viver”⁷⁸ que é a Igreja em saída, para que todo o corpo os siga nesta nova dinâmica.

Referências

BADILLA, Luis. “Lembre-se sempre que os responsáveis e autores de pecados e crimes tais como os abusos sexuais de crianças temem mais a imprensa do que o inferno.” *Instituto Humanitas Unisinos*, 15 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/581882-lembre-se-sempre-que-os-responsaveis-e-autores-de-pecados-e-crimes-tais-como-os-abusos-sexuais-de-criancas-temem-mais-a-imprensa-do-que-o-inferno>>.

BOAVENTURA, São. *Legenda maior de São Francisco*. Disponível em: <<https://www.capuchinhos.org.br/procasp/franciscanismo/fontes-biograficas/sao-boaventura/legenda-maior/capitulo-2>>.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 41.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 21-22.

⁷⁷ 1Pd 5,3.

⁷⁸ At 5,20 (cf. COMISSÃO EPISCOPAL DE TEXTOS LITÚRGICOS. *Missal cotidiano*: missal da assembleia cristã. 6.ed. São Paulo: Paulus, 1985, p. 365).

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. 2.ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano). Documento de Medellín: II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. 1968. Disponível em: <https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Medellin.pdf>.
- _____. Documento de Puebla: III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Disponível em: <https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Puebla.pdf>.
- _____. Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília; São Paulo: Edições CNBB; Paulinas; Paulus, 2007.
- COMISSÃO EPISCOPAL DE TEXTOS LITÚRGICOS. *Missal cotidiano*: missal da assembleia cristã. 6.ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano*: tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil. São Paulo: Paulus, 1992.
- CONGREGATIO DE CULTU DIVINO ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM. *Missale Romanum*: iuxta typicam tertiam. Downers Grove: Midwest Theological Forum, 2007.
- FARIA, Ernesto (org.). *Dicionário escolar latino-português*. 3.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1962. p. 462.
- ÍDIOS. In: RUSCONI, Carlo. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 231.
- JUNGMANN, J. A. *Missarum sollemnia*: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. São Paulo: Paulus, 2009.
- LÉVINAS, Emmanuel. *En Découvrant L'Existence avec Husserl et Heidegger*. Paris: Librairie Philosophique, 1974.
- MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática católica*: teoria e prática da teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Igreja “em saída” x restauração identitária: como desempatar? Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/53_5020-igreja-em-saida-x-restauracao-identitaria-como-desempatar>.
- ORTEGA, Cardeal Jaime. “Esta é a intervenção magistral do cardeal Bergoglio no pré-conclave.” *Instituto Humanitas Unisinos*, 26 mar. 2013.

<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518772-esta-e-a-intervencao-magistral-do-cardeal-bergoglio-no-pre-conclave>>.

PADRES APOLOGISTAS. *Carta a Diogneto*. São Paulo: Paulus, 1995.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: A alegria do evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. Exortação apostólica *Gaudete et exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo atual. 19 mar. 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#_ftn27>.

_____. Letter sent by the Holy Father to the bishops of the United States Conference of Catholic Bishops. 01 jan. 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/en/letters/2019/documents/papa-francesco_20190101_lettera-vescovi-usa.html>.

RATZINGER, Joseph. *Faith and the Future*. San Francisco: Ignatius Press, 2009.

REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2018. (A teologia do Papa Francisco, 4).

RIBEIRO, Célia Maria. *O espírito do pastor: a espiritualidade inaciana no ministério no ministério do Papa Francisco*. 2018. 275 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma teológica*. v.1. São Paulo: Loyola, 2001.

VATICANO II, Concílio. “Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina”. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 347-367.

_____. “Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja”. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1997, p.101-197.

_____. “Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo”. In: *Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 215-240.

VITÓRIO, Jaldemir. *Igreja em saída*: conferência no IV Colóquio de Teologia e Pastoral, 2-4 de maio de 2016. FAJE, ISTA, PUC-Minas e Centro Loyola.

Submetido em: 20/05/2019

Aceito em: 09/06/2020